



OS CADERNOS
DE PICKWICK

Charles Dickens

OS CADERNOS
PÓSTUMOS
DO
Clube
Pickwick



Tradução de
Margarida Vale de Gato

Prefácio de
Ricardo Araújo Pereira

L I S B O A :
TINTA-DA-CHINA
M M I X

ÍNDICE GERAL



9

Prefácio

de Ricardo Araújo Pereira

15

Nota textual e de tradução
de Margarida Vale de Gato

23

OS CADERNOS PÓSTUMOS
DO CLUBE PICKWICK

921

MAPAS

Mapa das Viagens Pickwickianas
Mapa da Londres Pickwickiana

925

Nota de Dickens

para o anúncio editorial de 26 de Março de 1836

927

Prefácio de Dickens
à edição de 1847

929

Prefácio de Dickens
à edição de 1867

935

Nota biográfica

© 2009, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35 A
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título original: *The Posthumous Papers of the Pickwick Club*
Autor: Charles Dickens
Ilustrações: Robert Seymour e Hablot Knight Browne
Tradução: Margarida Vale de Gato
Prefácio: Ricardo Araújo Pereira
Coordenador da colecção: Ricardo Araújo Pereira
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Vera Tavares

1.ª edição: Outubro de 2009

ISBN 978-989-671-009-5
Depósito Legal n.º 299152/09

PREFÁCIO
de Ricardo Araújo Pereira

Em certo ponto da peça *The Sunshine Boys*, de Neil Simon, um velho humorista explica ao sobrinho que determinadas palavras são mais engraçadas do que outras: «Palavras com um “k” têm graça. Não sabias disso, pois não? Se não têm “k”, não têm graça.» E dá exemplos: «Pickle tem graça. [...] Tomate não tem graça.»¹ Na gramática desta curiosa teoria fonológica da comédia, Pickwick, munido dos seus dois “k”, parece um superlativo de pickle — o que poderá explicar o entusiasmo triunfal de Dickens quando comunicou aos editores que tinha acabado de descobrir o nome da personagem principal do seu primeiro romance: «Já sei: Pickwick!»² Talvez houvesse, além disso, outra razão a recomendar a escolha: Pickwick era o nome do proprietário de uma firma de carruagens que faziam a ligação entre Bath e Londres³, e por isso pode ter sido visto por Dickens como especialmente apropriado para designar o protagonista de uma história de viajantes, parte da qual se passa a bordo de carruagens.

Quando, no princípio d’*Os Cadernos de Pickwick*, um «raio de luz [...] ilumina as trevas, convertendo num brilho ofuscante a obscuridade a que parecia votada a história remota da carreira pública do imortal Pickwick», o mais importante não é o que a luz ilumina, é a circunstância de estar a iluminar. O início do livro é, para uns, «desastroso»⁴ e, para outros, brilhante — em mais do que um sentido. A luz que rompe a escuridão é um primeiro sinal de que «a obra é dedicada à celebração daquilo que é luminoso»⁵. No prefácio de 1847, Dickens declara que o seu objectivo era «apresentar ao leitor uma sucessão constante de tipos e incidentes; caracterizá-los com as cores mais vivas que pudesse convocar; e fazer deles, ao mesmo tempo, verosímeis e divertidos». Ora, sem luz, não se vêem as cores, por mais vivas que sejam. Por outro lado, o tom genesiaco do parágrafo inicial legitima leituras como a de Auden, para quem o tema central deste livro de aventuras aparentemente inocente é a Queda do Homem⁶.

No entanto, antes de mais, deve registar-se o primeiro adjetivo que qualifica o Sr. Pickwick: imortal. Segundo nos diz o título completo do livro, os papéis que documentam a sua vida são póstumos — mas, o que é curioso, ele é imortal logo desde a primeira linha. Dickens está, claro, a ser irónico, mas a ironia contida naquele «imortal» dura apenas umas dezenas de páginas — e de dias: muito rapidamente, o Sr. Pickwick tornou-se imortal a sério, quer no livro, quer fora dele. *Os Cadernos de Pickwick* foram publicados em fascículos entre 1836 e 1837. Em Outubro de 1837, o crítico da *Quarterly Review* registava que «menos de seis meses após a publicação do primeiro número, todo o público leitor falava» das aventuras do Sr. Pickwick⁷. Sobretudo depois do aparecimento de Sam Weller na narrativa, as vendas dos fascículos dispararam, deram origem a *merchandising* (polainas Pickwick, bengalas Pickwick, chapéus Pickwick, charutos Pickwick) e à formação de clubes Pickwick (que ainda hoje existem), em que cada membro adoptava o nome de uma das personagens do romance⁸. Um leitor rebentou um vaso sanguíneo, de tanto rir, e os amigos lamentaram a sua sorte quando o médico o proibiu de prosseguir a leitura⁹. Thomas Carlyle, numa carta ao primeiro biógrafo de Dickens, conta o desconsolo de certo padre que, depois de prestar conforto espiritual a um enfermo, o ouviu suspirar: «Bom, o que interessa é que daqui a dez dias sai mais um número d'*Os Cadernos de Pickwick*, graças a Deus.»¹⁰ Mary Mitford, também por carta, censura os seus amigos de Dublin por ignorarem a existência do livro, e informa-os de que, em Londres, todos o conhecem: há médicos que o lêem entre consultas, juízes que o estudam enquanto os jurados deliberam¹¹. Ainda noutra carta, escrita em Janeiro de 1868, Dostoiévski explica à filha o seu projecto de descrever, n'*O Idiota*, «um homem verdadeiramente nobre e perfeito» e aponta, como modelos, Cristo, Quixote (com o qual o herói de Dickens tem um parentesco evidente) e Pickwick¹².

Em Portugal, o sucesso d'*Os Cadernos de Pickwick* pode ter tido repercussões mais rápidas e sensíveis do que pensamos. O leitor que avalie. Este é o momento em que o imortal Pickwick abre a janela do quarto e decide iniciar as suas viagens, com o caderno de apontamentos na mão:

Tinha a seus pés a rua Goswell, à sua direita a rua Goswell, estendendo-se até onde alcançava o seu olhar, a rua Goswell espraiando-se à sua esquerda,

e o lado oposto da rua Goswell mesmo à sua frente. «Assim», pensou o Sr. Pickwick, «são as vistas estreitas desses filósofos que, contentando-se com a observação das coisas à sua frente, não olham para as verdades que mais além se ocultam. Também eu me podia contentar com contemplar eternamente a rua Goswell, sem o menor esforço para penetrar nas ocultas regiões que a rodeiam por todos os lados.» E, tendo articulado esta bela reflexão, o Sr. Pickwick tratou de pôr as roupas no corpo e na mala de viagem.

Este é o início do primeiro capítulo de um romance sobre o qual também pairam dúvidas de que seja de facto um romance, e que foi igualmente publicado em fascículos na imprensa antes da edição em livro, escrito em Portugal apenas sete anos depois da criação de Pickwick:

Que viaje à roda do seu quarto quem está à beira dos Alpes, de Inverno, em Turim, que é quase tão frio como S. Petersburgo — entende-se. Mas com este clima, com esse ar que Deus nos deu, onde a laranjeira cresce na horta, e o mato é de murta, o próprio Xavier de Maistre, que aqui escrevesse, ao menos ia até o quintal.

Eu muitas vezes, nestas sufocadas noites de estio, viajo até à minha janela para ver uma nesguita de Tejo que está no fim da rua, e me enganar com uns verdes de árvores que ali vegetam sua laboriosa infância nos entulhos do Cais do Sodré. E nunca escrevi estas minhas viagens nem as suas impressões: pois tinham muito que ver! Foi sempre ambiciosa a minha pena: pobre e soberba, quer assunto mais largo. Pois hei-de dar-lho. Vou nada menos que a Santarém: e protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se há-de fazer crónica.¹³

No resumo que antecede o capítulo, está escrito: «De como o autor deste erudito livro se resolveu a viajar na sua terra, depois de ter viajado no seu quarto; e como resolveu imortalizar-se escrevendo estas suas viagens.» Parece evidente que o «imortal» Garrett segue o caminho do imortal Pickwick, e que o narrador das «eruditas» *Viagens na Minha Terra* aplica a si próprio a mesma ironia que o narrador dos eruditos *Cadernos de Pickwick* destina ao seu protagonista.

Há ainda a célebre cena de um duelo entre um cavalheiro muito indignado e um *sportsman* ridículo e desprovido de talento para o desporto — que, n'*Os Cadernos de Pickwick*, se chamam, respectivamente, Dr. Slammer e Sr. Winkle e, n'*Os Maias*, Carlos da Maia e Dâmaso Salcede. Em ambos os romances, o duelo não chega a realizar-se.

Já no início do século xx, o mais famoso admirador português d'*Os Cadernos de Pickwick* diria: «Há criaturas que sofrem realmente por não poder ter vivido na vida real com o Sr. Pickwick e ter apertado a mão ao Sr. Wardle. Sou um desses. Tenho chorado lágrimas verdadeiras sobre esse romance, por não ter vivido naquele tempo, com aquela gente, gente real.»¹⁴

O amor de Pessoa pelo livro é bem fácil de explicar: nos olhos do inocente Sr. Pickwick brilha a mesma «formidável infância» que Álvaro de Campos encontrou no olhar do mestre Caiiro¹⁵. Na origem de todas as aventuras do Sr. Pickwick está, aliás, a sua ingenuidade infantil. O mundo não é aquilo que o Sr. Pickwick pensa que é, e o choque entre as suas expectativas e a dura realidade é doloroso — logo, humorístico. O Sr. Pickwick ama a Humanidade — mas não a conhece. Os cínicos dirão que é justamente por isso que a ama. Mas Sam Weller, seu fiel criado, conhece-a muito bem e consegue manter-se generoso — quanto mais não seja para aquele pedaço da Humanidade que é o Sr. Pickwick. O bom coração pateta de Pickwick e o bom coração malandro de Weller (que, não por acaso, partilham o nome próprio, Samuel) são duas faces da mesma moeda. Chesterton, um dos mais perspicazes críticos d'*Os Cadernos de Pickwick*, observou que «Sam Weller representa, de certo modo, um alegre conhecimento do mundo; o Sr. Pickwick representa uma ainda mais alegre ignorância do mundo. [...] Inocência e conhecimento são ambos excelentes, e ambos muito engraçados. Mas é justo que o conhecimento seja o servo e a inocência o amo.»¹⁶

Talvez fosse em Sam Weller e no vilão Alfred Jingle que Tolstói pensava quando disse que «[o] verdadeiro professor da linguagem literária é Dickens. Ele sempre soube colocar-se no lugar das personagens e imaginava claramente que tipo de linguagem cada uma delas devia falar»¹⁷. O modo de expressão telegráfico de Jingle (cuja criação Dickens anunciou em carta à noiva, antevendo grande êxito para a personagem¹⁸) é um dos triunfos cômicos do livro — e, de acordo com a interessante hipótese de Wyndham Lewis, pode ter inspirado o monólogo interior de Leopold Bloom¹⁹.

As célebres leituras públicas de Dickens, espectáculos em que interpretava excertos dos seus livros perante uma vasta plateia, confirmam a importância atribuída pelo autor à construção dramática das personagens e desmentem Paul Johnson, quando pretende

distinguir Dickens de Mark Twain: «[...] enquanto o objectivo de Dickens era arrancar lágrimas [...] ou gritos de horror e excitação [...], Twain queria risos.»²⁰ Não é verdade. Dickens procurava tanto o riso como Twain. Um dos textos que mais lia nos seus espectáculos era o capítulo xxxiv deste livro, o episódio do julgamento Bardell vs. Pickwick²¹, e há inúmeros relatos acerca da hilaridade que contagiava a sala — e o próprio Dickens²².

Até os chamados contos interpolados, as histórias negras e quase sempre cruéis que vão sendo introduzidas ao longo dos *Cadernos*, desempenham uma função cômica importante. Essas histórias têm sido descritas pelos críticos como um momento em que o «sentido de humor de Dickens, pura e simplesmente, se desliga»²³, o que, embora aparentemente correcto, está longe de ser verdadeiro. O que se passa é que o sentido de humor de Dickens muda: torna-se mais amargo, mas não desaparece. No primeiro desses contos, o horror do moribundo é trágico — mas também cômico: à agonia da morte junta-se o desespero de saber que a mulher que maltratou durante toda a vida (e que, mesmo assim, permanece agora à sua cabeceira) só pode ser um demónio, uma vez que nenhum ser humano teria conseguido suportá-lo. A bondade da mulher é justamente a prova de que ela é um espírito maligno. E, para dar outro exemplo, o tom (e as próprias peripécias) da história em que se conta o amor não correspondido de um sacristão por uma menina cruel é evidentemente humorístico. Ainda assim, os contos funcionam como uma espécie de avesso do episódio do porteiro bêbado, em *Macbeth*, ou seja, em lugar de *comic relief*, proporcionam *tragic relief*²⁴. Servem para apresentar ao Sr. Pickwick uma versão mais dura da realidade. Têm o efeito contrário ao dos livros que D. Quixote tem na biblioteca: os livros de cavalaria provocam a loucura de D. Quixote; os contos d'*Os Cadernos de Pickwick*, que lhe mostram um mundo mais real, tornam-no mais sensato. E renovam o raio de luz que iluminou o primeiro parágrafo do livro: a luz parece ainda mais brilhante depois de um pouco de escuridão.

Os Cadernos de Pickwick são, então, um romance heterogéneo a ponto de não ser considerado um romance²⁵, povoado de personagens que, apesar de tudo, não são exactamente personagens²⁶. À primeira vista, trata-se de uma escolha pouco feliz para inaugurar uma colecção de literatura de humor. No entanto, *Os Cadernos de Pickwick* foram e são um

clássico instantâneo, uma referência na comédia de situação, de linguagem e de personagem, cuja influência se percebe em obras de todos os tipos – não apenas nas estritamente humorísticas. É um livro inocente sobre a inocência, em que tanto o protagonista como o autor vão, a pouco e pouco, deixando de ser inocentes. O eterno Sr. Pickwick, que começa por ser um pateta pomposo e ridículo, é, no final do livro, um homem bondoso e puro – e, no entanto, temos a sensação de que não foi ele quem mudou. As personagens mudam pouco ou nada, ao longo do romance (o Sr. Pickwick continua a ser um ingénuo bem-intencionado, o Sr. Snodgrass um péssimo poeta, o Sr. Winkle um desportista desastrado, o Sr. Tupman um pinga-amor celibatário), mas o autor e o leitor mudam. O sarcasmo de Dickens, e o nosso, transforma-se em admiração, embora o Sr. Pickwick se mantenha igual – como os deuses. Como diz Chesterton: «Dickens não escreveu exactamente literatura; escreveu mitologia.»

NOTAS

- 1 Neil Simon, *The Collected Plays of Neil Simon*, vol. 2, Plume, 1986, p. 313.
- 2 Percy Fitzgerald, *The History of Pickwick*, Chapman and Hall, 1891, p. 12.
- 3 *Idem, ibidem*.
- 4 «[Um] dos piores e mais banais capítulos que ele [Dickens] já escreveu.» Angus Wilson, citado por Garrett Stewart, *Dickens and the Trials of Imagination*, Harvard University Press, 1974, p. 6.
- 5 Sylvia Manning, *Dickens as Satirist*, Yale University Press, 1971, p. 42.
- 6 W.H. Auden, «Dingley Dell and the Fleets», *The Dyer's Hand*, Vintage, 1989, pp. 408-9.
- 7 W. Miller e E.H. Strange, *A Centenary Bibliography of the Pickwick Papers*, The Argonaut Press, 1936, pp. 106-7.
- 8 Percy Fitzgerald, *op. cit.*, p. 25.
- 9 Steven Marcus, *Dickens from Pickwick to Dombey*, Clarion, 1968, p. 16.
- 10 *Idem, ibidem*.
- 11 *Idem, ibidem*, p. 27.
- 12 Alexander Welsh, *Reflections on the Hero as Quixote*, Princeton University Press, 1981, p. 9.
- 13 Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, Estampa, 1983, pp. 83-4.
- 14 Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, ed. Richard Zenith, Assírio & Alvim, 4.ª ed., 2003, p. 202.
- 15 «Notas para a Recordação do Meu Mestre Caeiro», Fernando Pessoa, *Textos de Intervenção Social e Cultural, A Ficção dos Heterónimos*, intr., org. e notas de António Quadros, Europa-América, 1986, p. 216.
- 16 G.K. Chesterton, *Criticisms and Appreciations of the Works of Charles Dickens*, House of Stratus, 2001, p. 13.
- 17 Philip Rogers, «Scrooge on the Neva: Dickens and Tolstoy's Death of Ivan Il'ich», *Tolstoy's The Death of Ivan Il'ich*, ed. Gary R. Jahn, Northwestern University Press, 1999, p. 162n.
- 18 Duane DeVries, *Dickens's Apprentice Years. The Making of a Novelist*, Harvester Press, 1976, p. 143.
- 19 Wyndham Lewis, *The Present Day*, Blackfriars Press, p. 123.
- 20 Paul Johnson, *Criadores*, Alêtheia, 2007, p. 231.
- 21 Malcolm Andrews, *Charles Dickens and His Performing Selves. Dickens and the Public Readings*, Oxford University Press, 2007, pp. 267-90.
- 22 Peter Ackroyd, *Dickens*, Vintage, 2002, p. 445.
- 23 John Carey, *The Violent Effigy*, Faber and Faber, 1991, p. 24.
- 24 Heinz Reinhold, «The Stroller's Tale in Pickwick», *The Dickensian*, n.º 64, Set. de 1968, pp. 141-51.
- 25 Para Chesterton, por exemplo, *Os Cadernos de Pickwick* «não são um romance. [...] São algo mais nobre que um romance». G.K. Chesterton, *Charles Dickens*, Wordsworth Editions, 2007, p. 41.
- 26 Como nota Northrop Frye, são «humores», isto é, «personagens identificadas com apenas uma característica». Northrop Frye, «Dickens and the Comedy of Humors», *Experience in the Novel*, ed. Roy Harvey Pearce, Columbia University Press, p. 56.

NOTA TEXTUAL
E DE TRADUÇÃO
de Margarida Vale de Gato

The Posthumous Papers of the Pickwick Club saiu primeiramente em 20 fascículos mensais (com o interregno de um mês), entre 31 de Março de 1836 e 30 de Outubro de 1837, com as datas de Abril a Novembro. De início calculados para 24 páginas de texto e quatro ilustrações, passaram a conter, desde o terceiro fascículo, 32 páginas de texto e duas ilustrações, concluindo com um número duplo (xix-xx). Dado o suicídio do primeiro ilustrador, Robert Seymour, no final do segundo fascículo, procurou-se um novo para o terceiro, Robert W. Fuss, que desagradou aos editores, pelo que a partir do quarto fascículo e até ao último as ilustrações ficaram a cargo de Hablot Knight Browne, o qual, sob o pseudónimo de «Phiz», foi ilustrador da obra de Dickens durante 23 anos.

The Pickwick Papers surgiu em livro em 1837, com uma errata, pelos editores Chapman and Hall. Em 1847 foi feita uma segunda edição (Cheap Edition), contendo várias revisões do autor, sobretudo estilísticas, e com ocasionais omissões. Em 1858 saiu a terceira edição (Library Edition), com poucas alterações, e a quarta em 1867 (Charles Dickens Edition), também revista. O presente texto baseia-se na actual edição da Oxford World's Classics, a cargo de James Kinsley e (após a sua morte) de Kathleen Tillotson, seguindo por sua vez a edição de 1837, mas recorrendo em nota às outras edições e aos fragmentos manuscritos existentes.

Dickens foi um dos principais autores do século XIX que se empenhou em mostrar as diferentes maneiras de se ser humano e parecia acreditar que estas se relacionavam intimamente com o uso da linguagem de cada indivíduo. Tinha uma apetência por idiossincrasias, defeitos de fala, marcas regionais (dialectos) e de estratificação social (sociolectos), agradando-lhe em particular o *cockney*, a maneira de fa-

lar associada às classes operárias de Londres, especialmente do East End. Tem sido objecto de controvérsia entre linguistas a fidelidade com que Dickens transcreveu as características dessa fala, nomeadamente a troca do /w/ por /v/, que talvez nunca tenha sido do repertório dos mais desfavorecidos londrinos, nem sequer no século XIX. De qualquer forma, este é um traço celeberramente usado por Dickens no presente livro para caracterizar as falas de Sam Weller e do seu pai, conferindo um inegável efeito humorístico: na verdade, estas personagens levam a distorção linguística ao limiar de uma manipulação de identidade, insistindo perante tribunais e ratificadores testamentários que o seu apelido deve ser grafado «Veller». No entanto, figura como exemplo premente do que não me foi possível transferir para o texto português, sob pena de acrescentar conotações regionais ou mesmo sociais exclusivamente próprias da cultura portuguesa que desvirtuariam o contexto e situação das personagens: se a solução mais imediata que ocorre é uma troca de /v/ por /b/, esta acaba também por ser logo descartada, visto que é inimaginável um «pintas» londrino falar «à Porto».

Apesar desta e de outras dificuldades de transposição, considere que o humor de linguagem, expediente na produção do cómico, perderia muito se a tradução não tentasse fazer algumas adaptações à oralidade que estorvassem a leitura, como sucede no texto de partida, com recurso a numerosas contracções, erros de soletração ou particularidades de pronúncia que dão ao leitor o prazer subsidiário de se rir melhor quando finalmente consegue decifrar a transcrição do oral. Assim, por exemplo, fiz da personagem do Lorde Mutanhead um belfo e «xopinha de macha», tal como no texto de Dickens, e para Sam Weller e seu pai procurei sistematizar algumas características típicas dos «filhos de bairro» que não fossem especialmente conotadas em termos regionais e que, tanto quanto possível, não soassem anacrónicas (considerando que estamos perante tipos oitocentistas): a troca ou omissão do /r/ («preceber», «pfeitamente», «próprio»), contracções ou reduções de certas consoantes («tamém», «memo», «gande» e por vezes «ganda»), corruptelas comuns («tar», «tão» e «atão», «inda», «p'la», «pr'ó», «ópois»). Levantaram-se alguns problemas sobre como grafar esta transcrição: regra geral, adoptou-se o critério de assinalar com apóstrofe omissões puramente decorrentes da expres-

são oral (ex. «qu'ê qu'ele disse?»), mas de não o fazer quando o desvio de fala possa corresponder a uma incorrecta ideia mental da palavra (casos de «tar» e «inda», por exemplo).

Em certas instâncias, e até pela maneira como se vão espraian-do num texto muito longo, as falas de uma mesma personagem parecerão mais marcadas do que noutras: o risco da transposição por que optei salda-se nessas ocasionais incoerências, mas que ocorrem também no texto de Dickens. Por vezes, até para fazer sobressair um determinado traço de carácter, há que suspender a incredulidade: assim, no capítulo XXXIII, quando Sam Weller escreve uma carta de S. Valentim, a sua redacção surge primorosa, ainda que se trate de um documento lido em voz alta. Julgo que Dickens terá optado aí pela incoerência, para mostrar que o criado, além de muito sensato, era também um consumado autodidacta, e que de «pintas» só tinha a maneira de falar e a desenvoltura (já o seu pai, no capítulo LII, apresenta uma carta cheia de erros ortográficos, que nem terá sido escrita pelo próprio punho).

A atenção à transposição fonética da oralidade é também o que principalmente distingue este trabalho da única outra tradução integral feita em Portugal, por Henrique Lopes de Mendonça em 1898. A muitos títulos apreciável e denotando por vezes um paciente trabalho de reconstrução filológica do inglês de Dickens, a versão de Lopes de Mendonça (1856-1931), prolixo dramaturgo e também responsável pela letra do hino nacional, está algo desactualizada e pareceria em certos trechos menos compreensível ao leitor de hoje, para além de nela sobressaírem marcas de uma «tradução de autor». O escritor Lopes de Mendonça deixa-se de tal modo levar pela plasticidade da linguagem que vai urdindo para o seu texto, e na qual o que falta de transcrição oral é sobremaneira compensado por coloquialismos e expressões idiomáticas, que a dada altura todas as personagens, incluindo o próprio narrador e o Sr. Pickwick, se aproximam um pouco estranhamente do brejeiro. Daí resultam, no entanto, diversos efeitos pitorescos, e é de elementar justiça assinalar que o cotejo da minha versão com a de Lopes de Mendonça foi extremamente útil para isolar exemplos de calão que se pudessem usar no século XIX, bem como para a repescagem de todo um vocabulário associado a carruagens, cocheiros, palafreiros e trens de praça que nos é hoje praticamente alheio.

Socorri-me ainda pontualmente, para esclarecimento de dúvidas, da tradução de Mário Domingues de 1953 para a Romano Torres, a qual aposta também em vários coloquialismos engenhosos para compensar o humor de linguagem, tendo porém como principal pecha o facto de ter sido abreviada através da erradicação de todas as narrativas intercaladas do texto – i.e., as histórias contadas por personagens que vão aparecendo. Estas, na sua maioria dramáticas ou assustadoras, por vezes paródia do estilo gótico então em ascensão, podem ser lidas como homenagem à estrutura fundadora da narrativa britânica *Contos da Cantuária*, contribuindo para um hibridismo e uma mistura não só de vozes como de tons e registos que não tem paralelo consistente nas outras tradições literárias. Note-se que, com a sua supressão, os episódios de Pickwick se tornam puro picaresco e podem confortavelmente receber o novo título de *As Aventuras de Pickwick*.

Resta-me discorrer sobre um conjunto de opções que se podem elencar debaixo de uma oposição que se joga em todo o trabalho de tradução: a escolha entre a tradução que «domestica» o texto às normas da cultura de chegada e a que o aproxima do «estrangeiro». Como quase tudo em tradução, não me parece que esta seja uma decisão a tomar de uma vez por todas. Se é útil conservar traços que dêem ao leitor português um sabor de como viviam os *gentlemen* na Inglaterra do século XIX (as horas desfasadas das refeições, com os lautos «pequenos-almoços», ou a manutenção das medidas e moedas inglesas, sempre que possível, estão lá para isso, até porque acontece decorrerem dessas especificações alguns trocadilhos), por outro lado, parece-me que num texto onde impera o humor, cujo efeito parte muitas vezes do reconhecimento e do imediato consenso contextual sobre o uso da linguagem, são preferíveis certas domesticações. Assim, todos os *Mr.*, *Mrs.* e *Miss* passam a «Sr.», «Sra.» e «Menina», perdendo-se o saboroso *Mistress*, para mulher viúva, que não existe em português e surge apenas como «Sra.». Já nos nomes das personagens, nem sempre foi fácil acertar: apesar da minha grande vontade de transcrever para português os efeitos cómicos que resultam de vários nomes escolhidos pelo narrador, a verdade é que havia de ser muito estranho ter por exemplo um Sr. Mioleira (para o já referido Muttonhead, óbvia corruptela de *Mutton-head*, ou cabeça de carnei-

ro) ao lado de um Sr. Pickwick ou Sr. Wardle. Repito, porém, que não impera a absoluta coerência: se *streets* passam a «ruas» e *squares* a «largos», talvez de cinquenta em cinquenta páginas lá encontre o leitor um «*Inn's Square*», porque «Largo da Hospedaria» já não fica em nenhum local reconhecível. E ainda há a controvérsia de saber se *Inn* é de facto uma pousada, ou um hotel, ou uma hospedaria. A propósito: também se optou por não traduzir quaisquer nomes dos diversos albergues por onde vão passando o Sr. Pickwick e os seus amigos, por ser estranho que no meio de Londres as pessoas vão dormir ao «Jorge e o Abutre» – de resto, a grande maioria destes locais de dormida, tal como as prisões, existiu de facto na Inglaterra de Dickens. Por outro lado, o facto de configurarem geralmente um divertido bestiário ou inventário de peças de coudelaria, justifica que muitas vezes se acrescentem notas de tradução.

Estas pessoas bebem muito. Em termos de cerveja, bebem uma quantidade de *ales*, *porters*, *stouts* e *beers* que em português perdem para a distinção apenas entre cerveja preta, branca ou com ocasional travo a malte. No entanto, bebem xerez, claro, porque a ginjinha já é demasiado portuguesa. Mas a bebida preferida do Sr. Pickwick é aguardente aquecida com água. Se o leitor preferir que ele beba *brandy*, como Dickens escreveu, faça favor de substituir.

Agradeço às editoras Bárbara Bulhosa e Inês Hugon, à revisora Madalena Alfaia e ao Ricardo Araújo Pereira pelas preciosas sugestões, pela paciência para discutir e contestar aguerridamente estas e outras opções, e por darem gargalhadas enquanto liam o texto que as suscitava.

Peckham's Peep

BY

CHARLES DICKENS.



9412. feat.

PARA
Exmo. Senhor SERJEANT TALFOURD*,
MEMBRO DO PARLAMENTO,

ETC., ETC.

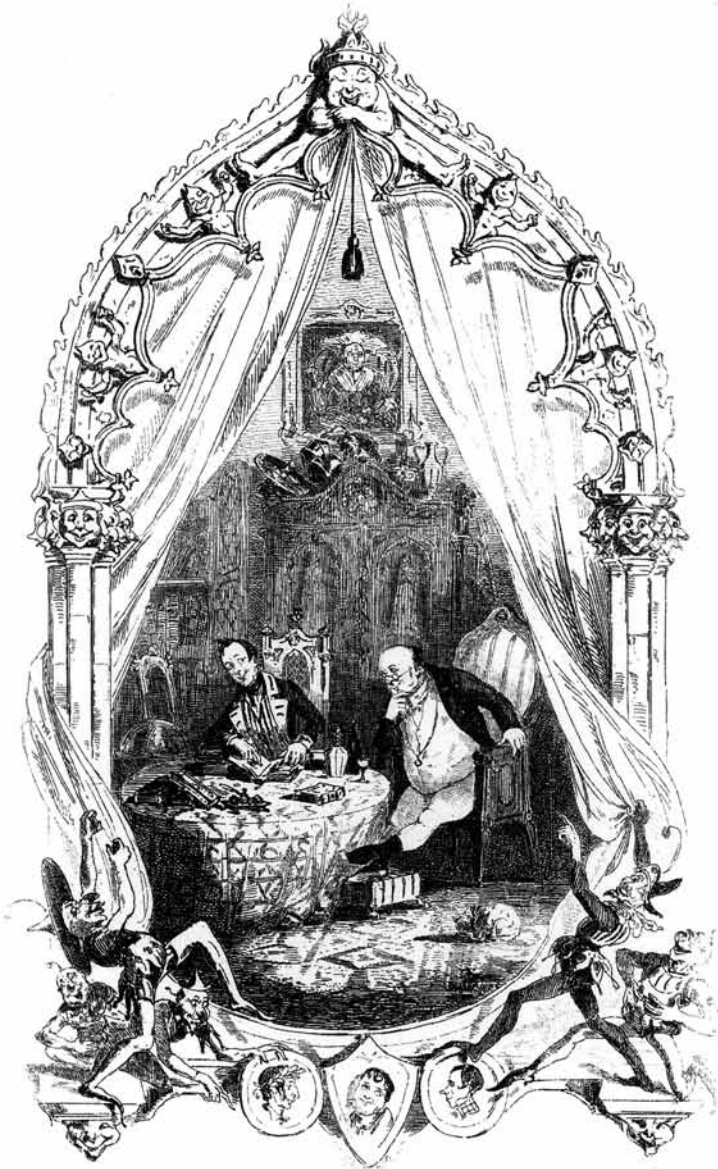
CARÍSSIMO SENHOR,

Ainda que eu não tivesse tido o prazer da sua amizade particular, ter-lhe-ia mesmo assim dedicado esta obra, em jeito de fraco e desajustado reconhecimento pelos serviços inestimáveis que tem prestado à literatura do seu país, e pelos benefícios duradouros que virá a conferir aos autores desta e das subsequentes gerações, assegurando-lhes, e aos seus descendentes, um rendimento permanente pelos direitos de autor das suas obras.

Muitas cabeças febris e mãos nervosas ganharão renovado vigor nos momentos de doença e turvação por causa das suas excelentes diligências; muitas mães viúvas e crianças órfãs, que de outro modo nada mais aproveitariam da fama dos génios desaparecidos senão a muito frequente herança da miséria e do sofrimento, apresentarão, na mudança das suas condições, mais elevado testemunho do valor dos seus esforços do que poderão alcançar os mais pródigos encómios de lábios ou canetas.

Por comparação com estes tributos, qualquer declaração sentimental da minha parte relativa à questão a que dedicou os méritos conjuntos da sua eloquência, carácter e génio seria absolutamente ineficaz. Todavia, ao expressar assim publicamente a forma profunda e grata como me tocaram os seus préstimos em prol da literatura inglesa e daqueles que se devotam ao mais precário de todos os ofícios, limito-me a representar com justiça imperfeita a veemência dos meus próprios sentimentos quanto a este assunto, mesmo que a si lhe façam serviço insuficiente.

* Thomas Noon Talfourd (1795-1854), membro do Parlamento, magistrado (depois juiz), dramaturgo. Introduziu em Maio de 1857 a Lei dos Direitos de Autor, que veio aumentar o período de vigência desses direitos de 28 para 42 anos, ou por toda a vida do autor caso fosse mais longa. (N. da t.)



Estas poucas frases constituiriam tudo o que eu teria a dizer, se apenas o conhecesse na sua faceta pública. Em respeito ao sentimento privado, permita-me acrescentar mais uma palavra.

Aceite a dedicatória deste livro, meu caro Senhor, como sinal da minha mais calorosa consideração e estima — em memória da amizade mais gratificante que já fiz, e de algumas das horas mais agradáveis que já passei; como penhor da minha mais viva admiração por todas as distintas qualidades do seu intelecto e coração; como garantia da verdade e sinceridade com que serei sempre,

meu caro Senhor,
sinceramente e muito lealmente seu,

CHARLES DICKENS
48 Doughty Street
27 de Setembro de 1837.

ÍNDICE

fascículo 1	CAPÍTULO I. <i>Os pickwickianos.</i>	33
	CAPÍTULO II. <i>A primeira jornada e as primeiras aventuras nocturnas com as suas consequências.</i>	39
	CAPÍTULO III. <i>Um novo conhecido; a história do saltimbanco — uma interrupção indesejada; e um encontro desagradável.</i>	71
fascículo 2	CAPÍTULO IV. <i>Um dia de manobras e bivaques — mais novos amigos; e um convite para o campo.</i>	84
	CAPÍTULO V. <i>Breve narrativa, que mostra, entre outras coisas, como o Sr. Pickwick se pôs a conduzir, e o Sr. Winkle a cavalgar, e como ambos o fizeram.</i>	98
fascículo 3	CAPÍTULO VI. <i>Um jogo de cartas à moda antiga; os versos do clérigo; a história do regresso do degredado.</i>	110
	CAPÍTULO VII. <i>De como o Sr. Winkle, em vez de apontar para o borracho e matar a gralha, apontou para a gralha e matou o borracho; e de como o Clube de Críquete de Dingley Dell jogou contra toda a povoação de Muggleton, e de como toda ela jantou subsequentemente à conta de Dingley Dell, além de outros tópicos instrutivos e interessantes.</i>	126
	CAPÍTULO VIII. <i>Onde se ilustra que o trajecto do verdadeiro amor não é necessariamente a direito, nem um caminho-de-ferro.</i>	143

fascículo 4	CAPÍTULO IX. <i>Uma descoberta e uma perseguição.</i>	159		CAPÍTULO XIX. <i>Um dia agradável com um desfecho desagradável.</i>	310
	CAPÍTULO X. <i>Onde se desfazem todas as dúvidas (caso alguma subsistisse) sobre o carácter desinteressado do Sr. Fingle.</i>	170		CAPÍTULO XX. <i>Onde se demonstra que Dodson e Fogg eram homens de negócios, e os seus escrivões uns debochados; e sobre o encontro emocionante entre o Sr. Weller e o seu progenitor transviado; onde se descrevem também as personalidades selectas reunidas no Magpie and Stump, e se antecipa a suma importância do capítulo seguinte.</i>	326
	CAPÍTULO XI. <i>Respeitante a uma outra jornada, e a uma descoberta arqueológica. Onde se relata como o Sr. Pickwick resolveu assistir a uma eleição; contém ainda um manuscrito do velho vigário.</i>	187			
fascículo 5	CAPÍTULO XII. <i>Onde se descreve um importante passo do Sr. Pickwick, marcando uma época da sua vida tanto quanto uma era nesta história.</i>	206	fascículo 8	CAPÍTULO XXI. <i>Em que o velho discorre sobre o seu tema preferido e conta uma história sobre um cliente esquisito.</i>	345
	CAPÍTULO XIII. <i>Onde se procura um registo de Eatanswill; da situação dos partidos que lá existem; e da eleição de um deputado para servir no Parlamento aquela comarca antiga, leal e patriota.</i>	214		CAPÍTULO XXII. <i>O Sr. Pickwick desloca-se a Ipswich e vive uma aventura romântica com uma senhora de meia-idade com papelotes amarelos.</i>	364
	CAPÍTULO XIV. <i>Onde se referem os convivas reunidos no Peacock; e uma história contada por um caixeiro-viajante.</i>	234		CAPÍTULO XXIII. <i>Em que o Sr. Samuel Weller enceta energicamente os seus planos de desforra contra o Sr. Trotter.</i>	382
fascículo 6	CAPÍTULO XV. <i>Onde se dá um retrato fiel de duas ilustres personalidades; e uma descrição exacta de um pequeno-almoço na sua propriedade, do qual decorre o encontro com um antigo conhecido, e o início de outro capítulo.</i>	253	fascículo 9	CAPÍTULO XXIV. <i>Em que o Sr. Peter Magnus sofre de ciúmes e a senhora de meia-idade de apreensão, pelo que os pickwickianos se vêem a braços com a justiça.</i>	391
	CAPÍTULO XVI. <i>Tão recheado de aventuras que não se pode resumir.</i>	269		CAPÍTULO XXV. <i>Onde se demonstra, entre vários assuntos agradáveis, a majestade e imparcialidade do Sr. Nupkins; e como o Sr. Weller se desforrou à grande e à francesa do Sr. Job Trotter. E ainda outro episódio, contado a seu tempo.</i>	409
fascículo 7	CAPÍTULO XVII. <i>Onde se demonstra que, em alguns casos, um ataque de reumático activa o génio criativo.</i>	290		CAPÍTULO XXVI. <i>Contendo um breve relato sobre o andamento do processo Bardell contra Pickwick.</i>	430
	CAPÍTULO XVIII. <i>Sumariamente ilustrativo de dois pontos: primeiro, o poder da histeria, e, segundo, a força das circunstâncias.</i>	299	fascículo 10	CAPÍTULO XXVII. <i>Samuel Weller faz uma romaria a Dorking e conhece a madrasta.</i>	437

	<p>CAPÍTULO XXVIII. <i>Um capítulo da quadra natalícia, onde se descreve um casamento, bem como outros desportos que, sendo embora à sua maneira costumes tão saudáveis como o próprio casamento, não são tão religiosamente mantidos nestes tempos degenerados.</i> 448</p> <p>CAPÍTULO XXIX. <i>A história de uns duendes que levaram um cozeiro.</i> 472</p>		
fascículo II	<p>CAPÍTULO XXX. <i>Como os pickwickianos travaram conhecimento e relações com dois simpáticos mancebos pertencentes a uma das profissões liberais; como se divertiram em cima do gelo, e como terminou a visita.</i> 484</p> <p>CAPÍTULO XXXI. <i>O qual trata exclusivamente de leis e de várias autoridades nelas versadas.</i> 497</p> <p>CAPÍTULO XXXII. <i>Onde se descreve, com muito mais detalhe do que nos folhetins, um serão de moços solteiros, nos aposentos do Sr. Bob Sawyer, no Borough.</i> 515</p>		
fascículo 12	<p>CAPÍTULO XXXIII. <i>Em que o Sr. Weller Sênior tece certas apreciações críticas acerca da composição literária; e, com a ajuda do filho Samuel, faz reverter uma prestação retaliativa a favor do reverendo cavaleiro do nariz encarnado.</i> 530</p> <p>CAPÍTULO XXXIV. <i>Inteiramente dedicado ao relato fiel e completo do memorável julgamento de Bardell contra Pickwick.</i> 549</p>		
fascículo 13	<p>CAPÍTULO XXXV. <i>Em que o Sr. Pickwick pensa que o melhor a fazer é ir a banhos e a Bath, e assim faz.</i> 577</p> <p>CAPÍTULO XXXVI. <i>Cujos principais tópicos se revelarão uma versão autêntica da lenda do Príncipe Bladud, e uma extraordinária calamidade que sucedeu ao Sr. Winkle.</i> 595</p>		
			<p>CAPÍTULO XXXVII. <i>Onde se dá conta cabal da ausência do Sr. Weller; com um relato de um serão para que foi convidado e no qual compareceu. Onde se conta também como o Sr. Pickwick o encarregou de uma missão de carácter privado e grande delicadeza e importância.</i> 608</p>
		fascículo 14	<p>CAPÍTULO XXXVIII. <i>De como o Sr. Winkle, depois de sair da frigideira, se aproximou lenta e tranquilamente do lume.</i> 623</p> <p>CAPÍTULO XXXIX. <i>O Sr. Samuel Weller, encarregado de uma missão por amor, procura executá-la com o resultado que a seu tempo se saberá.</i> 638</p> <p>CAPÍTULO XL. <i>O qual introduz o Sr. Pickwick numa nova cena assaz interessante do grande drama da vida.</i> 655</p>
		fascículo 15	<p>CAPÍTULO XLI. <i>Do que sucedeu ao Sr. Pickwick quando entrou na prisão, dos maus pagadores que lá viu e de como passou a noite.</i> 669</p> <p>CAPÍTULO XLII. <i>Como o anterior, faz jus ao velho adágio de que a adversidade obriga a estranhas cumplicidades; contém ainda uma surpreendente e extraordinária declaração do Sr. Pickwick ao seu servo.</i> 684</p> <p>CAPÍTULO XLIII. <i>Onde se mostra como o Sr. Weller se meteu em apuros.</i> 700</p>
		fascículo 16	<p>CAPÍTULO XLIV. <i>Trata de diversos assuntos triviais ocorridos na prisão, e do comportamento misterioso do Sr. Winkle; e mostra como o pobre preso da Chancelaria recuperou a liberdade.</i> 715</p> <p>CAPÍTULO XLV. <i>Onde se descreve um encontro afectuoso entre o Sr. Samuel Weller e a sua família.</i></p>

	<i>O Sr. Pickwick dá uma volta pelo mundo diminuto que habita, decidindo-se a misturar-se o menos possível com ele de futuro.</i>	730		<i>não serão de todo despiciendas certas revelações interessantes sobre o Sr. Snodgrass e uma menina.</i>	868
	CAPÍTULO XLVI. <i>Regista um acto comovente de sensibilidade, não desprovido de mau gosto, executado e consumado pelos Srs. Dodson e Fogg.</i>	749		CAPÍTULO LV. <i>O Sr. Solomon Pell, assistido por uma Comissão Selecta de Cocheiros, trata dos assuntos do Sr. Weller Sénior.</i>	886
fascículo 17	CAPÍTULO XLVII. <i>Principalmente dedicado a questões de negócios e aos proventos materiais de Dodson e Fogg; o Sr. Winkle reaparece em circunstâncias extraordinárias; e a bondade do Sr. Pickwick acaba por vencer a sua teimosia.</i>	761		CAPÍTULO LVI. <i>Sobre uma importante conversa entre o Sr. Pickwick e Sam Weller, a que assiste o pai deste; e a chegada inesperada de um cavalheiro idoso num fato cor de rapé.</i>	900
	CAPÍTULO XLVIII. <i>Conta como o Sr. Pickwick, assistido por Samuel Weller, tentou amolecer o coração do Sr. Benjamin Allen e apaziguar a ira do Sr. Robert Sawyer.</i>	775		CAPÍTULO LVII. <i>Onde o Clube Pickwick finalmente se dissolve e tudo acaba em bem para todos.</i>	913
	CAPÍTULO XLIX. <i>Onde se conta a história do tio do caixeiro-viajante.</i>	789			
fascículo 18	CAPÍTULO L. <i>Como o Sr. Pickwick desempenhou a sua missão e como foi desde o início apoiado por um adjuvante imprevisto.</i>	808			
	CAPÍTULO LI. <i>Em que o Sr. Pickwick encontra um velho conhecido — uma feliz circunstância a que o leitor deve os assuntos empolgantes que aqui se tratam, a respeito de duas grandes figuras públicas de poder e eminência.</i>	825			
	CAPÍTULO LII. <i>Que dá conta de uma séria mudança na família Weller e da derrocada final do Sr. Stiggins do nariz vermelho.</i>	842			
fascículos 19-20	CAPÍTULO LIII. <i>Contém a saída de cena dos Srs. Jingle e Job Trotter, com uma grande manbã de negócios no largo do Gray's Inn; concluindo com argoladas duplas à porta do Sr. Perker.</i>	854			
	CAPÍTULO LIV. <i>Com alguns factos relativos às argoladas na porta, e outros assuntos, entre os quais</i>				

CAPÍTULO I
Os pickwickianos.

O primeiro raio de luz que ilumina as trevas, convertendo num brilho ofuscante a obscuridade a que parecia votada a história remota da carreira pública do imortal Pickwick, deriva da consulta do seguinte assento do Livro de Actas do Clube Pickwick, cuja exposição aos olhos do leitor é do maior agrado do editor destes documentos, enquanto testemunho da cuidada atenção, da infatigável diligência e do criterioso discernimento com que conduziu a sua investigação por entre os variadíssimos papéis que lhe foram confiados.

«12 de Maio de 1827. Exmo. Sr. Joseph Smiggers, V.P.V.S.C.P.*
Foram aprovadas por unanimidade as seguintes resoluções.

» Que esta Associação assistiu à leitura, com sentimentos de vivo aplauso e a mais pura satisfação, da comunicação professada pelo Exmo. Sr. Samuel Pickwick, P.D.S.C.P.** “Considerações acerca da origem das Lagoas de Hampstead, acompanhadas de algumas observações sobre a Teoria dos Girinos”, e que esta Associação vem por este meio expressar os mais efusivos agradecimentos ao dito Exmo. Sr. Samuel Pickwick, P.D.S.C.P., pela apresentação da mesma.

» Que, achando-se esta Associação profundamente ciente das vantagens aduzidas à causa científica pelo trabalho sobre que acaba de se debruçar, bem como das incansáveis pesquisas do Exmo. Sr. Samuel Pickwick, P.D.S.C.P, em Hornsey, Highgate, Brixton e Camberwell, não pode deixar de acalentar uma forte impressão dos benefícios inestimáveis que decerto resultariam de se estenderem as considerações deste homem de ciência a um campo mais vasto, por uma maior abrangência das suas viagens que consequentemente viesse a alargar a sua esfera de observação, tendo por fito o progresso do conhecimento e a difusão da ciência.

* Vice-Presidente Vitalício – Sócio do Clube Pickwick.

** Presidente da Direcção – Sócio do Clube Pickwick.

» Que, dado o parecer agora exposto, esta Associação considerou muito atentamente uma proposta, apresentada pelo supramencionado Exmo. Sr. Samuel Pickwick, P.D.S.C.P., e por outros três pickwickianos abaixo designados, para formarem uma nova divisão dos pickwickianos Unidos, denominada Sociedade Correspondente do Clube Pickwick.

» Que a referida proposta foi deferida e aprovada por esta Associação.

» Que posto isto se constitui aqui a Sociedade Correspondente do Clube Pickwick, e que o Exmo. Sr. Samuel Pickwick, P.D.S.C.P., o Exmo. Sr. Tracy Tumpman, S.C.P., o Exmo. Sr. Augustus Snodgrass, S.C.P., e o Exmo. Sr. Nathaniel Winkle, S.C.P., são pela presente eleitos e nomeados membros da mesma: e que se lhes solicita o envio, de tempos a tempos, de relatos autenticados das suas viagens e investigações; das suas observações de tipos e costumes; e do conjunto das suas aventuras, juntamente com todas as histórias e documentos que possam advir da paisagem e sociedade locais, para o Clube Pickwick, sediado em Londres.

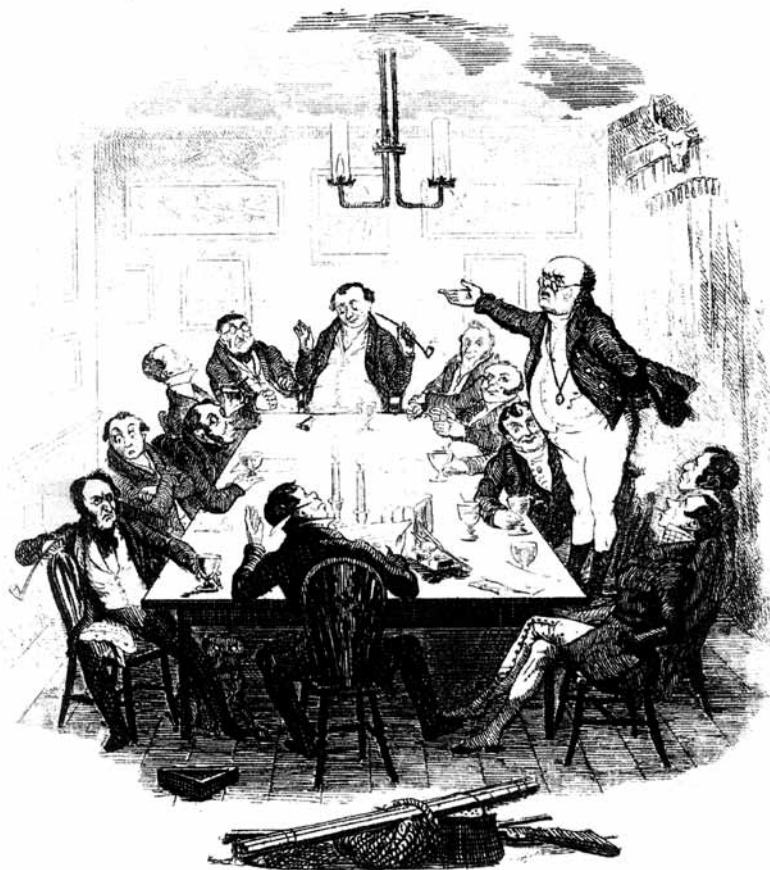
» Que esta Associação reconhece penhoradamente o princípio de cada membro da Sociedade Correspondente custear as suas próprias despesas de viagem; e que não levanta objecções de qualquer espécie a que os membros da dita sociedade persigam as suas investigações pelo tempo que desejarem, nos mesmos termos.

» Que os membros da dita Sociedade Correspondente sejam, como são, por este meio informados de que a proposta de pagarem os custos postais das suas cartas e o transporte das suas encomendas foi submetida à apreciação deste Clube. Que esta Associação considera tal proposta digna dos ilustres espíritos que a apresentaram e que pela presente lhe consagra a sua absoluta anuência.»

Um observador casual — acrescenta o secretário a cujas notas vemos o relato se segue — um observador casual talvez não reparasse em nada de extraordinário na cabeça calva, e nos óculos redondos, que atentamente se voltavam para o seu rosto (do secretário) durante a leitura das deliberações acima enunciadas. Para os que sabiam que o cérebro titânico de Pickwick laborava por detrás daquela fronte, e que os olhos cintilantes de Pickwick pestanejavam por detrás daquelas lentes, o espectáculo revestia-se porém de grande interesse.

Sentava-se ali o homem que pesquisara até às suas origens as magníficas Lagoas de Hampstead e agitara o mundo científico com a sua Teoria dos Girinos, e ali estava tão sereno e imperturbado como as águas fundas das primeiras num dia de geada, ou tal espécime solitário destes últimos, nos recessos mais recônditos de uma bilha de barro. E ainda mais interessante se tornou este espectáculo quando, desperta a sua vivacidade e de elevado ânimo, ao irromper dos seus discípulos o chamamento «Pickwick», este cavalheiro ilustre subiu lentamente à cadeira da Presidência, onde no início estivera sentado, e saudou o Clube que ele próprio fundara! Que formidável estudo para um artista apresentava aquela cena empolgante! O eloquente Pickwick, com uma mão graciosamente oculta por trás das abas da casaca e a outra ondulando no ar para secundar o seu brilhante discurso. A eminência da sua posição revelava as calças justas e as polainas, as quais, se cobrissem um homem vulgar, talvez passassem despercebidas — todavia, quando de Pickwick se cobriam (se nos é permitida a expressão), inspiravam involuntariamente admiração e respeito. Rodeado pelos homens que se tinham oferecido para partilhar os perigos das suas viagens e se achavam destinados a participar nas glórias das suas descobertas, o ilustre sábio dava a direita ao Sr. Tracy Tumpman; esse Tumpman altamente susceptível, que, à sabedoria e experiência da idade madura apunha o entusiasmo e o ardor da mocidade na mais interessante e desculpável das fraquezas humanas — o amor. O tempo e a gula haviam aumentado o volume da sua forma outrora romanesca; o colete de seda preta apresentava-se cada vez mais desenvolvido e, dedo a dedo, a corrente de ouro do relógio debaixo dele fora-se sumindo do campo visual do seu dono; e o queixo ostensivo afundara-se gradualmente no nó da gravata branca, ainda que a alma de Tumpman permanecesse inalterada — a adoração do belo sexo continuava a ser a sua paixão dominante. À esquerda do seu grande líder sentava-se o poético Snodgrass, e logo depois deste o jovial Winkle, o primeiro poeticamente envolto numa capa azul com gola de pele de cão, este último emprestando um lustro adicional a uma nova casaca verde de caça, lenço xadrez ao pescoço e elegantes calças caqui.

O discurso do Sr. Pickwick nesta ocasião e o debate que se lhe seguiu foram averbados às Actas do Clube. Ambos apresentam grande afinidade com as discussões de outras ilustres assembleias;



e, havendo sempre grande interesse em estabelecer paralelos entre as maneiras de proceder dos grandes homens, reproduzimos aqui esse assento:

«O Sr. Pickwick fez notar (diz o secretário) que a fama foi sempre coisa grata ao coração de todos os homens. Que a fama poética era grata ao coração do seu amigo Snodgrass, a fama da sedução igualmente grata ao coração do seu amigo Tupman, e o desejo de conquistar a fama nos desportos do campo, do ar e da terra inflamava o peito do seu amigo Winkle. Ele próprio (o Sr. Pickwick) não negaria que o influenciavam as paixões humanas e os sentimentos humanos (aplausos) — quiçá as fraquezas humanas — (gritos sonoros de “Não”); mas uma coisa tinha a dizer: que, sempre que a chama da vanglória lhe brotava do peito para queimar o seu desejo de laborar em favor da raça humana, extinguiu-a com eficácia. O louvor da humanidade era a sua Força Motriz; a filantropia a sua seguradora. (Aplausos veementes). Admitia de bom grado que sentira algum orgulho — arriscando-se a que por isso os seus inimigos o atacassem — e que o sentira ao apresentar ao mundo a sua Teoria Girínica; esta podia ou não ser reconhecida (Um grito de «É, pois!», e vivos aplausos.) Admitiria a garantia do respeitável pickwickiano cuja voz se levantava: era reconhecida; todavia, se a fama desse tratado viesse a estender-se aos confins mais remotos do mundo conhecido, o orgulho que depositaria na autoria dessa produção em nada poderia equiparar-se ao orgulho com que olhava agora à sua volta, neste momento da sua existência que maior motivo de orgulho lhe dava. (Aplausos.) Era um indivíduo humilde. (Não, não.) E ainda assim não podia coibir-se de sentir que o tinham escolhido para prestar um serviço de grande mérito e algum risco. As viagens atravessavam momentos perturbados e os cocheiros tinham os espíritos inquietos. Que todos olhassem pelo mundo fora, vislumbrando as cenas que ocorriam à sua volta. As diligências guinavam em todas as direcções, os cavalos perdiam os freios, os barcos afundavam-se e as caldeiras rebentavam. (Aplausos — uma voz: “Não.”) Não! (Aplausos.) Que esse respeitável pickwickiano que gritava “Não” com tanta força se adiantasse e o desmentisse, se pudesse. (Aplausos.) Quem foi que gritou “Não”? (Aplausos veementes.) Teria sido algum presunçoso e desiludido, para não dizer um reles retroseiro (aplausos sonoros), o qual, invejando os elogios que, conquanto

imerecidamente, haviam sido prodigalizados nas suas (dele, Pickwick) investigações e, despeitado pelas censuras que tinham recaído sobre as suas débeis tentativas de rivalidade, empregava agora este meio calunioso e vil de...

» O Sr. Blotton (de Aldgate) tomou a palavra. Era a ele que se referia o respeitável pickwickiano? (Gritos de “Ordem!”, “Sr. Presidente”, “Sim”, “Não”, “Vamos”, “Não faça caso”, etc.)

» Ele, Pickwick, não toleraria que a algazarra afogasse o assunto. Aludira, *sim*, ao respeitável cavalheiro. (Grande comoção.)

» Nesse caso, o Sr. Blotton apenas tinha a dizer que enfeitava, com profundo desprezo, a acusação falsa e grosseira do respeitável cavalheiro. (Muitos aplausos.) O respeitável cavalheiro era um impostor. (Grande confusão, e gritos altos de “Sr. Presidente” e “Ordem”.)

» O Sr. A. Snodgrass tomou a palavra. Lançou-se à cadeira da Presidência. (Ouçam.) Gostaria de saber se era de permitir o prolongamento daquela vergonhosa altercação entre dois sócios do Clube. (Ouçam, ouçam.)

» O Sr. Presidente estava certo de que o respeitável pickwickiano retiraria a expressão que acabava de empregar.

» O Sr. Blotton, com todo o respeito pelo Sr. Presidente, estava certo de que não o faria.

» O Sr. Presidente considerou ser seu imperioso dever inquirir se o respeitável cavalheiro empregara a expressão que acabava de lhe escapar dos lábios no sentido comum.

» O Sr. Blotton não hesitou em responder que não, que usara a palavra no seu sentido pickwickiano. (Ouçam, ouçam.) Competia-lhe reconhecer que, pessoalmente, nutria a mais alta consideração e estima pelo respeitável cavalheiro; apenas o considerara um impostor do ponto de vista pickwickiano. (Ouçam, ouçam.)

» O Sr. Pickwick declarou-se assaz satisfeito com a explicação justa, honesta e cabal do seu digno amigo. Rogou a todos que compreendessem desde logo que também os seus reparos tinham sido proferidos num âmbito pickwickiano. (Aplausos.)»

Aqui termina o assento, como de certeza também o debate terminou depois de alcançar um ponto tão plenamente satisfatório e inteligível. Não possuímos qualquer depoimento oficial dos factos

que o leitor verá relatados no capítulo seguinte; foram, não obstante, cuidadosamente coligidos a partir de cartas e outros documentos manuscritos e, logo, inquestionavelmente autênticos, justificando a sua narrativa sequencial.

CAPÍTULO II

A primeira jornada e as primeiras aventuras nocturnas, com as suas consequências.

O sol, pontual servidor de todos os trabalhos, acabava de nascer e começava a alumiar a manhã do dia treze de Maio de mil e oitocentos e vinte e sete, quando Samuel Pickwick se ergueu, tal outro sol, dos seus sonhos, abriu de par em par a janela do quarto e espreitou o mundo em baixo. Tinha a seus pés a rua Goswell, à sua direita a rua Goswell, estendendo-se até onde alcançava o seu olhar, a rua Goswell espaiando-se à sua esquerda, e o lado oposto da rua Goswell mesmo à sua frente. «Assim», pensou o Sr. Pickwick, «são as vistas estreitas desses filósofos que, contentando-se com a observação das coisas à sua frente, não olham para as verdades que mais além se ocultam. Também eu podia contentar-me com espreitar eternamente a rua Goswell, sem o menor esforço para penetrar nas ocultas regiões que a rodeiam por todos os lados.» E, tendo articulado esta bela reflexão, o Sr. Pickwick tratou de pôr as roupas no corpo e na mala de viagem. Os grandes homens raramente colocam excessivo zelo nos preparos da *toilette*; todo o processo de barbear-se, vestir-se e bebericar o café se realizou levemente; e, uma hora depois, o Sr. Pickwick, com a mala numa mão, a luneta na algibeira do sobretudo e o caderno de apontamentos no colete, pronto a receber quaisquer descobertas que merecessem assento, apresentava-se já na praça de carruagens de Saint Martin's-le-Grand.

— *Cab!** — chamou o Sr. Pickwick.

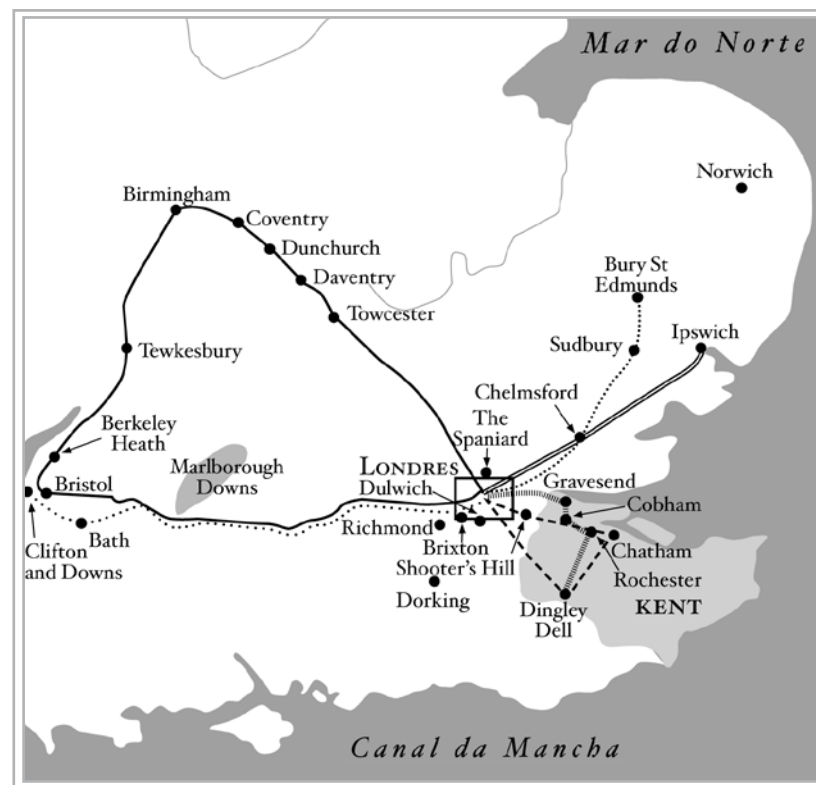
— Ora prontos, senhor — gritou um estranho espécime da raça humana, num casacão de lona grosseira e avental do mesmo material,

* Palavra usada no seu sentido original como abreviatura de «cabriolé», mais tarde termo comum para táxi. (N. da t.)

Quanto ao Sr. Pickwick, esse continuou a morar na sua nova casa, ocupando os tempos de ócio a organizar as notas que posteriormente apresentou ao ex-secretário da direcção desse clube outrora célebre, ou a ouvir Sam Weller ler em voz alta, com os comentários que lhe vinham ao espírito, proporcionando invariavelmente grande divertimento ao seu patrão. Teve muito que fazer, ao princípio, com os diversos pedidos que lhe fizeram os Srs. Snodgrass, Winkle e Trundle para apadrinhar a sua prole; agora, porém, já se habituou, e cumpre o seu papel como uma tarefa corriqueira. Nunca teve ocasião de se arrepender da sua generosidade para com o Sr. Jingle, visto que tanto ele como Job Trotter se tornaram, com o tempo, distintos membros da sociedade, apesar de sempre se terem terminantemente recusado a voltar aos cenários dos seus antigos vícios e tentações. O Sr. Pickwick encontra-se actualmente um pouco enfermo, mas mantém toda a sua antiga jovialidade, e ainda se pode achá-lo frequentemente a contemplar os quadros no Museu de Dulwich, ou a dar o seu passeio higiênico pelo agradável bairro nos dias bonitos. Todos os pobres da região o conhecem, e nunca deixam de tirar os chapéus à sua passagem, com todo o respeito. As crianças idolatram-no, tal como aliás toda a povoação. Comparece todos os anos numa alegre e festiva reunião na quinta do Sr. Wardle, e nesta, como noutras ocasiões, faz-se acompanhar invariavelmente pelo fiel Sam, existindo entre os dois uma afeição sólida e recíproca que nada senão a morte poderá quebrar.

[fim dos fascículos 19-20]

MAPA DAS VIAGENS PICKWICKIANAS



- PRIMEIRA VIAGEM: Londres – Rochester – Chatham – Dingley Dell (ou perto de Boxley, entre Aylesford e Maidstone, ou a leste de Staplehurst) – Londres – Dingley Dell. Depois, Dingley Dell – Rochester – Cobham – Gravesend – Londres.
- ===== SEGUNDA VIAGEM: Londres – Eatanswill, via Norwich. Depois, Eatanswill – Bury St. Edmunds – Londres.
- TERCEIRA VIAGEM: Londres – Ipswich – Londres.
- ===== VISITA DE NATAL: Londres – Dingley Dell – Londres.
- QUARTA VIAGEM: Londres – Bath – Bristol. E também Clifton – Bath – Londres.
- QUINTA VIAGEM: Londres – Bristol e Clifton – Berkeley Heath – Tewkesbury – Droitwich – Birmingham – Coventry – Dunchurch – Daventry – Towcester – Londres.

MAPA DA LONDRES PICKWICKIANA

Principais Locais em Londres

ref. mapa

- A Casa da Sra. Bardell
- B White Hart Inn
- C Doctor's Commons
- D Belle Savage
- E Gray's Inn
- F Freeman's Court, Cornhill
- G Magpie and Stump
- H Prisão de Marshalsea
- I Bull Inn, Whitechapel
- J George and Vulture Tavern and Hotel,
George Yard, Rua Lombard
- K Casa da Sra. Raddle, Rua Lant
- L Velha Praça de Lincoln's Inn
- M Blue Boar, Mercado de Leadenhall

ref. mapa

- N Secção de Brick Lane da União
Associativa de Temperança
de Ebenezer
- O Guildhall
- P White Horse Cellar
- Q Casa do Sr. Namby, Beco Bell,
Rua Coleman
- R Prisão de Fleet
- S Rua de Portugal, Tribunal
de Insolvência
- T Casa do Sr. Perker, Montague Place,
Largo de Russell
- U Hotel de Osborne, Adelphi
- V O Banco

Outros locais referidos

ref. mapa

- 1 Camden Town
- 2 Rua Cateaton
- 3 Chancery Lane
- 4 Cheapside
- 5 Clifford's Inn
- 6 Rua Farringdon
- 7 Fox-under-the-Hill
- 8 Garraway
- 9 Golden Cross Inn
- 10 Rua Gower
- 11 Hospital de Guy
- 12 Holborn
- 13 Houndsditch
- 14 Kensington
- 15 King's Cross

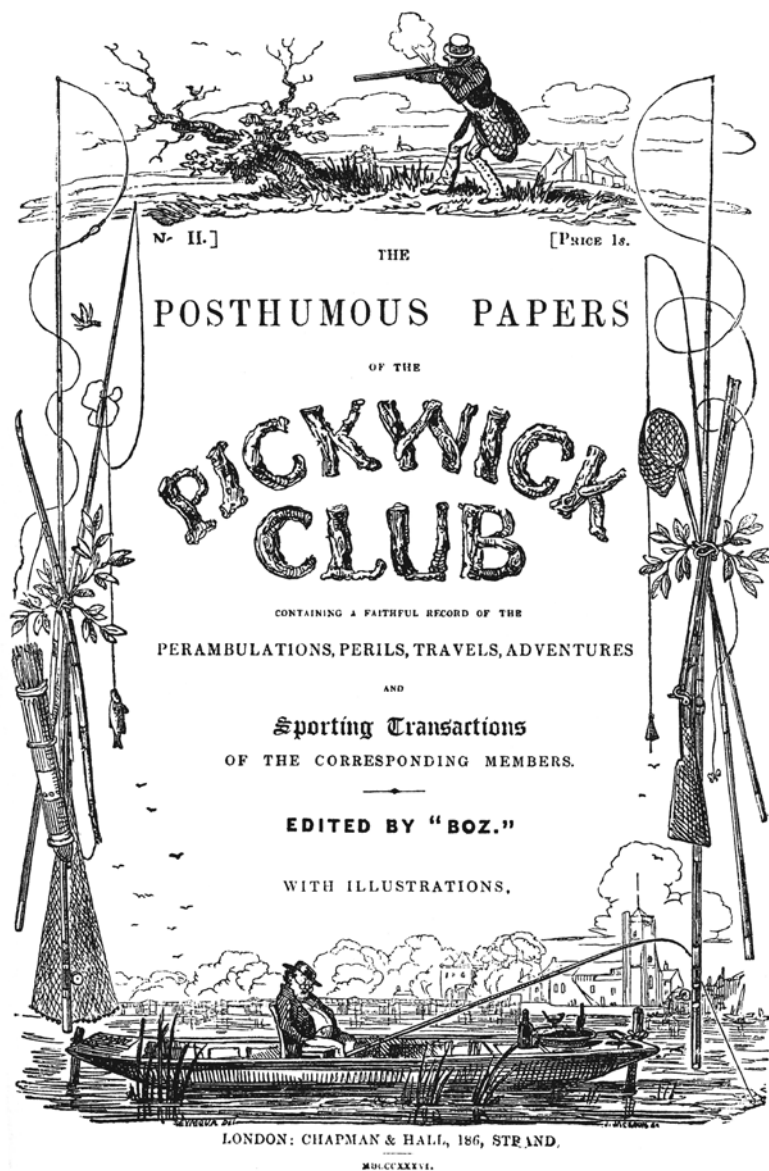
ref. mapa

- 16 Rua do Little College
- 17 Mansion House
- 18 Rua Newgate
- 19 Mercado de Newport
- 20 New River
- 21 Obelisco dos Campos
de St. George
- 22 Old Bailey
- 23 Ponte de Londres
- 24 Pentonville
- 25 Polygon
- 26 Richmond
- 27 Hospital de St.
Bartholomew
- 28 Campos de St. George

ref. mapa

- 29 Saint Martin's-le-Grand
- 30 Catedral de St. Paul
- 31 Serjeant's Inn
- 32 Somers Town
- 33 Southwark
- 34 Sun Court, Cornhill
- 35 Praça de Tavistock
- 36 Temple
- 37 Tyburn
- 38 Ponte de Waterloo
- 39 Rua Whitecross
- 40 Whitehall





NOTA DE DICKENS
para o anúncio editorial de 26 de Março de 1836

O Clube Pickwick, extraordinariamente célebre nos anais da viela de Huggin, e de tantos modos relacionado com as milhentas histórias interessantes que se associam a Lothbury e à rua Cateaton, foi fundado no ano de Mil e Oitocentos e Vinte e Dois por Samuel Pickwick, o ilustre viajante cuja apetência pelas artes práticas motivou a sua famosa viagem a Birmingham no rigor do Inverno, e cujo gosto pelas belezas da Natureza o levou mesmo a avançar até às fronteiras de Gales no pino do Verão.

Ao que parece, este ilustre personagem terá infundido parte considerável do seu espírito curioso e inquieto nos corações de outros membros do Clube, e despertado nas suas mentes a mesma sede insaciável de viagem que tão profundamente marcou a sua. Toda a área de Middlesex, parte de Surrey e de Essex e várias milhas quadradas de Kent foram sucessivamente exploradas e descritas. Num célere barco a vapor, deslizaram pelo plácido Tamisa e, num barco descoberto, cruzaram com temeridade o agitado Medway. Por estradas públicas ou atalhos, por aldeias, municípios e cidades, nos transportes públicos em conjunto com os seus passageiros, nos hotéis de primeira classe e nas tabernas à beira da estrada, nas corridas, feiras, regatas, eleições, assembleias e mercados – quaisquer cenas que se apresentem ao espírito para retratar a vida na província, e pelas quais se possam observar e reconhecer os mais diferentes traços de carácter, foram de igual modo visitadas e observadas pelo ardoroso Pickwick e seus discípulos entusiastas.

As Viagens de Pickwick, o Diário de Pickwick, a Correspondência de Pickwick – em suma, todos os documentos relativos a Pickwick foram escrupulosamente conservados e devidamente arquivados pelo secretário, de tempos a tempos, nas volumosas Actas do Clube Pickwick. Essas actas foram compradas ao patriótico secretário, por uma soma considerável, e colocadas nas mãos de

«Boz», o autor dos «Esboços Ilustrativos da Vida e da Gente no Dia-a-Dia»* – um cavalheiro que os editores consideram altamente qualificado para a missão de ordenar estes documentos importantíssimos e de os apresentar ao público de uma forma atractiva. Encontra-se de momento profundamente mergulhado nesta tarefa árdua, cujos primeiros frutos verão a luz do dia a 31 de Março.

Seymour dedicou a sua pessoa, o seu coração e o seu cinzel à empresa de ilustrar a magnitude de *Pickwick*. Gibbon mereceu o destino de pintar, com cores para sempre vivas, o Declínio e Queda do Império Romano; Hume o de documentar a agitação e as querelas das duas orgulhosas Casas que dividiram a Inglaterra contra os seus próprios interesses; Napier o de relatar, por palavras ardentes, a história das Guerras Peninsulares; as façanhas e as proezas do talentoso *Pickwick* serão confiadas às mãos da posteridade por «Boz» e Seymour.

A julgar pelo estado actual destes importantes documentos e pela extensão calculada dos trechos seleccionados presume-se que a série seja completada em cerca de vinte fascículos.

PREFÁCIO DE DICKENS à edição de 1847

O objectivo do autor neste trabalho foi o de apresentar ao leitor uma sucessão constante de tipos e incidentes; caracterizá-los com as cores mais vivas que pudesse convocar; e fazer deles, ao mesmo tempo, verosímeis e divertidos.

Acatando a opinião de terceiros no início desta empresa, o autor adoptou o sistema do clube, que lhe foi sugerido como especialmente moldável a tal designio; mas, apercebendo-se de que tendia mais a estorvá-lo do que a facilitá-lo, abandonou-o gradualmente, considerando ser muito pouco relevante para o trabalho investir, ou não, esse clube de uma justiça estritamente épica.

A publicação deste livro em números mensais, cada um com apenas trinta e duas páginas, fez com que se tornasse sobremaneira importante que, muito embora os diferentes incidentes devessem relacionar-se por uma sequência de suficiente interesse que não os fizesse parecer desligados ou impossíveis, o plano geral fosse tão simples que sáisse ileso desta forma de publicação desconexa e solta, estendendo-se pelo menos por vinte meses. Em suma, seria preciso — ou assim pareceu ao autor — que cada número fosse, em certa medida, auto-suficiente, e que no entanto todos os vinte números, coligidos, pudessem formar um todo aceitavelmente harmonioso, cada um desembocando no outro por um subtil progresso da acção, que não fosse artificial.

É evidente que de uma obra publicada com estes constrangimentos não se pode esperar uma intriga virtuosamente entretecida ou engenhosamente complicada. O autor arrisca-se a manifestar a esperança de ter superado com sucesso as dificuldades da sua empresa. E se a estes *Cadernos de Pickwick* se contrapuser a objecção de que são uma mera série de aventuras, em que as cenas mudam constantemente e as personagens vão e vêm como os homens e as mulheres que encontramos no mundo real, poderá o autor apenas contentar-se

* *Sketches Illustrative of Every Day Life, and Every Day People*: marcando o início da carreira de Charles Dickens, esta colecção, principiada em 1833 numa série de folhetins humorísticos ilustrados no jornal *The Morning Chronicle*, constituiu a primeira obra em livro de Charles Dickens, com dois volumes ilustrados por George Cruikshank em 1836. (N. da t.)

com a consideração de que não se arrogam a ser outra coisa, e que o mesmo se objectou já às obras de alguns dos maiores romancistas na língua inglesa.

As páginas seguintes foram escritas em intervalos espaçados, quase ao ritmo da oportunidade periódica. Tendo sido, na sua maioria, redigidas na companhia de uma jovem amiga muito querida* que já não se encontra entre nós, associam-se na mente do autor quer com o período mais feliz da sua vida quer com o seu mais triste e grave pesar.

Devo ao cavalheiro cujos desenhos acompanham o texto declarar aqui que o intervalo entre a produção manuscrita de cada número e a sua impressão foi de tal maneira curto que a maior parte destas ilustrações foram executadas pelo artista apenas com uma descrição verbal do autor daquilo que pretendia escrever.

A amabilidade e a apreciação quase inauditas com que o público recebeu estes cadernos será a fonte perdurável de uma memória gratificante e benigna enquanto viver o seu autor. Confia que ao longo deste livro não ocorre qualquer incidente ou expressão que possa fazer corar as faces mais delicadas, ou ferir os sentimentos dos mais sensíveis. Se qualquer uma destas descrições imperfeitas, além de proporcionar distração quando folheada, induzir um só leitor a considerar mais favoravelmente os seus semelhantes e a olhar para o lado mais luminoso e mais amável da natureza humana, seria em verdade grande o seu orgulho por ter contribuído para esse fim.

* Alusão a Mary Hogarth (1810-37), cunhada de Charles Dickens. Quando ela morreu, a publicação dos *Cadernos de Pickwick* suspendeu-se por um mês. (N. da t.)

PREFÁCIO DE DICKENS à edição de 1867

No Prefácio à primeira edição de *Os Cadernos Póstumos do Clube Pickwick* ficou registado o seu propósito de apresentar personagens e incidentes que divertissem, não se procurando qualquer complexidade de intriga, que nessa altura não seria sequer viável para o seu autor, dado o modo de publicação intermitente que se adoptou; e observou-se que o artifício do Clube, difícil de gerir, foi ficando para trás à medida que o trabalho progredia. No entanto, a respeito de uma destas condições, aprendi mais tarde com a experiência e a aplicação no estudo, e talvez desejasse hoje que os capítulos se achassem unidos por um fio mais forte de interesse geral; posto isto, aquilo que são regeu-se por um plano prévio.

Tenho visto vários relatos sobre a origem destes *Cadernos de Pickwick* que não deixaram de assumir — para mim — o encanto de uma absoluta novidade. Podendo inferir, com base no surgimento ocasional de tais histórias, que os meus leitores se interessam pelo assunto, vou descrever a sua génese.

Eu era um jovem de vinte e três anos, quando os Srs. Chapman e Hall, bem impressionados por algumas histórias que eu escrevia então no jornal *Morning Chronicle* ou que acabava de escrever na *Old Monthly Magazine* (tendo uma das suas séries sido recentemente coligida e publicada em dois volumes ilustrados pelo Sr. George Cruishank), me convidaram para lhes fazer uma proposta para uma publicação serial em números de um xelim — coisa que eu, e acho que toda a gente, só conhecia na altura por me recordar vagamente de certos romances intermináveis nesse formato, que eram levados pelo país fora por vendedores ambulantes, alguns dos quais me fizeram derramar incontáveis lágrimas antes de cumprir a minha aprendizagem da vida.

Quando abri a porta do Furnival's Inn, onde então me alojava, ao sócio que representava a empresa, reconheci-o como a pessoa de cujas mãos eu tinha adquirido, dois ou três anos antes (sem nunca

mais o ter visto), o meu primeiro exemplar da revista contendo o meu primeiro eflúvio — um texto em forma de *sketches*, chamado «O Sr. Minns e o Primo», que certa noite eu deixara furtivamente, com receio e tremuras, numa sombria caixa de correio de um sombrio escritório num pátio sombrio da rua Fleet, e que aparecia então em todo o esplendor da palavra impressa. Nessa ocasião, desci até ao Palácio de Westminster e fiquei a folhear o periódico durante meia hora, já que tinha os olhos tão ofuscados de alegria e orgulho que não conseguiam suportar a rua, nem estava em condições de aí ser visto. Constei a coincidência à minha visita, e ambos a saudámos como um bom auspício, começando de imediato a tratar de negócios.

A sugestão que me foi apresentada era a de que aquela coisa mensal devia ser um veículo para umas ilustrações executadas pelo Sr. Seymour, e havia a ideia, fosse da parte do admirável artista humorístico ou do sócio que me visitou de que um «Clube Nimrod», cujos membros andassem à caça, à pesca, e por aí adiante, metidos em alhadas devido à sua inépcia, seria a melhor maneira de o fazer. Eu contrapus que, embora tivesse nascido e sido em parte criado na província, não era nenhum desportista, excepto no tocante a toda a sorte de locomoção; que a ideia não era nova e já estava muito vista; que seria muito melhor que as ilustrações nascessem naturalmente do texto; e que eu gostaria de fazer aquilo à minha maneira, com mais liberdade para episódios vários de cenas e pessoas da Inglaterra, e de qualquer forma receava que o faria em todo o caso, mesmo que de início me impusesse determinada linha de acção. Aceite o meu ponto de vista, pensei no Sr. Pickwick, e escrevi o primeiro número, e foi com base no texto que o Sr. Seymour fez um desenho do Clube e o retrato feliz do seu fundador — este último a partir de uma descrição do Sr. Edward Chapman da indumentária e pose de um personagem com que costumava encontrar-se. Associei o Sr. Pickwick a um clube devido à sugestão original, e meti lá o Sr. Winkle para servir expressamente o Sr. Seymour. Começámos com um número de vinte e quatro páginas em vez de trinta e duas, e quatro ilustrações em vez de duas. O falecimento repentino, que todos lamentamos, do Sr. Seymour antes da publicação do segundo número fez com que se apressasse a decisão acerca de um aspecto que andávamos a discutir; o número passou a ser de trinta e duas páginas só com duas ilustrações, e assim foi até ao fim.

É com grande desconforto que tenho ouvido algumas asserções incoerentes e pouco substanciais, alegadamente em favor do Sr. Seymour, de que o ilustrador terá tido uma quota-parte na criação deste livro, ou de outras coisas nele, e que não condizem com que o descrevi no parágrafo anterior. Com a moderação que devo quer ao meu respeito pela memória daquele irmão nas artes, quer ao respeito por mim próprio, limito-me a registar aqui os factos:

Que o Sr. Seymour nunca concebeu nem sugeriu qualquer incidente, expressão ou palavra que se encontre neste livro; que o Sr. Seymour morreu quando se tinham publicado só vinte e quatro páginas deste livro e quando ainda nem tinham sido escritas quarenta e oito; que me parece nunca ter visto a letra manuscrita do Sr. Seymour em toda a minha vida; que só vi o Sr. Seymour uma vez na vida, na noite antes da sua morte, e que nessa altura não me sugeriu absolutamente nada; que o vi então na presença de duas pessoas, ambas vivas, que conhecem perfeitamente todos estes factos, encontrando-se em minha posse o seu testemunho escrito da sua veracidade. Finalmente, que o Sr. Edward Chapman (o sobrevivente da editora original Chapman e Hall) contou por escrito, no mesmo intuito de preservar a memória destes factos, aquilo que pessoalmente sabia da génese e desenvolvimento deste livro, da abstrusidade das asserções infundadas aqui em causa, e mesmo da impossibilidade manifesta (atestada por pormenores) de haver neles um só grão de verdade. Dado o exercício de contenção que me impus, abstenho-me de citar o relato que faz o Sr. Edward Chapman sobre o modo como o seu falecido sócio reagiu, certa vez, às falsidades em questão.

«Boz», a minha assinatura no *Morning Chronicle* e na *Old Monthly Magazine*, que surgia na capa mensal deste livro e que mantive até muito depois, era a alcunha de uma criança que protegi, um irmão mais novo, que eu tratava por Moisés em honra do Vigário de Wakefield — nome que, nasalado, em jeito trocista, se tornou Boses, e que, abreviado, se tornou Boz. Boz era para mim uma palavra doméstica bastante familiar, muito antes de me tornar um escritor, pelo que a adoptei.

Tem-se dito do Sr. Pickwick que o seu carácter sofre uma transformação acentuada, com o passar das páginas, e que se torna melhor e mais sensível. Não creio que essa transformação pareça forçada ou artificial aos leitores, se pensarem que as particularidades e

pequenos tiques de um homem minimamente pitoresco têm geralmente o condão de nos impressionar num primeiro contacto, e só quando o conhecemos melhor é que começamos a olhar para além dessas características superficiais e a conhecer a sua melhor parte.

Caso haja algumas pessoas de boa-fé que não consigam perceber a diferença (tal como parece não ter havido quando se reeditou *Os Puritanos da Escócia* de Walter Scott) entre a religião e a parafernália da religião, a devoção e o artifício da devoção, a humilde reverência às grandes verdades das Escrituras e uma intromissão ofensiva da sua letra, que não do espírito, nas dimensões mais mezinhas e nos assuntos mais mesquinhos da vida, assim confundindo extraordinariamente os menos esclarecidos, peço que compreendam que é sempre a letra e não o espírito que aqui se satiriza. E mais, que essa sátira se deve ao facto de as fórmulas ritualizadas tenderem a tornar-se, diz-nos a voz da experiência, incompatíveis com tal espírito, impossibilitando o contacto com este, dando azo às mentiras mais maliciosas e terríveis da sociedade, quer tenham sede, em dado momento, na igreja baptista, ou na metodista, ou nas duas. Talvez seja desnecessário fazer um reparo sobre este lugar-comum. Todavia, nunca passa de moda o protesto contra a familiaridade ordinária com as coisas sagradas que se mostra só da boca para fora, sem penetrar o coração; ou contra a confusão do cristianismo com toda a sorte de pessoas cuja religião, para citar Swift, só serve para se odiarem e não basta para se amarem uns aos outros.

Julguei que seria curioso e interessante, ao ver as provas desta reimpressão, assinalar as melhorias sociais que decorreram entre nós, quase imperceptivelmente, desde que foram escritas pela primeira vez. A liberdade dos tribunais, e o grau a que os jurados podem ser manipulados, ainda são assuntos a moderar; ao passo que uma melhoria na condução das eleições parlamentares (e talvez também dos Parlamentos) está ainda dentro dos limites das possibilidades. Todavia, houve reformas legais que apararam as garras da gente da laia dos Srs. Dodson e Fogg neste livro; um espírito de auto-estima, tolerância mútua, boas maneiras e cooperação para os bons fins tem-se difundido entre os funcionários públicos; os sítios distantes passaram a estar mais ligados, para conveniência e vantagem dos cidadãos, e em detrimento, a médio prazo, de toda uma série de ciúmes mesquinhos,

cegueiras e preconceitos que só têm prestado maus serviços aos cidadãos; alteraram-se as leis relativas à prisão por dívidas e o cárcere atroz da prisão de Fleet foi demolido!

Quem sabe se na altura em que esta série for concluída não se há-de já ter descoberto que há magistrados, na cidade e na província, que quotidianamente estão de bem com o senso comum e a justiça; que há leis de protecção aos pobres efectivamente misericordiosas para os mais fracos, idosos e desgraçados; que as escolas, seguindo os princípios gerais do cristianismo, são o melhor acrescento à paisagem desta terra civilizada; que as portas da prisão deviam ser fechadas por fora com tanto cuidado quanto por dentro; que a difusão universal dos meios comuns de saúde e higiene são não apenas um direito do mais pobre dos pobres quanto indispensáveis para a segurança dos ricos e do Estado; que uns quantos departamentos e órgãos de gestão — menores do que gotas no grande oceano da humanidade que à sua volta se agita — não poderão para sempre deixar as criaturas de Deus à mercê da Doença e da Febre, ou continuar a tocar os seus pequenos violinos de interesses, para uma Dança da Morte.

NOTA BIOGRÁFICA

CHARLES DICKENS nasceu a 7 de Fevereiro de 1812, em Portsmouth, Inglaterra.

Em 1817 foi viver para Chatham, na região do Kent, aí permanecendo até 1822. Nesse mesmo ano mudou-se para Londres, onde viveu até 1860. Pertencente a uma família de classe média, Dickens foi obrigado a abandonar a escola aos 15 anos, indo trabalhar para uma fábrica depois de o seu pai ter levado a família à bancarrota e ter sido preso por dívidas. Mais tarde, trabalhou como empregado de escritório e como jornalista. Em 1836 casou-se com Catherine Hogarth, com quem teve nove filhos.

Para além da escrita, Dickens dedicou-se afincadamente à leitura pública de excertos das suas obras, actividade de que foi precursor e exemplo. Aliás, várias vezes aludiu à importância que tinha para si esta peculiar proximidade com o público e, aparentemente, as sessões eram sempre um êxito, devido às notórias qualidades do escritor nos âmbitos da oratória e da interpretação dramática. No total, houve 471 leituras públicas.

Considerado um dos escritores ingleses com mais apuradas qualidades humorísticas de todos os tempos e um dos maiores romancistas da história da literatura, Charles Dickens tornou-se uma das grandes forças motrizes da literatura do século XIX, tendo sido um influente porta-voz da consciência social do seu tempo. Alcançou em vida mais notoriedade e reconhecimento público do que qualquer outro escritor antes dele.

Charles Dickens foi um escritor prolífico e a sua obra é vastíssima. De entre os romances, destacam-se *Oliver Twist* (1838), *Nicholas Nickleby* (1839), *David Copperfield* (1850), *Bleak House* (1853), *Hard Times* (1854), *Little Dorrit* (1857), *A Tale of Two Cities* (1859) e *Great Expectations* (1861).

Os *Cadernos de Pickwick* foram primeiro publicados em fascículos mensais, entre 1836 e 1837. A primeira edição destes fascículos num só volume data de 1837.

Charles Dickens morreu a 9 de Junho de 1870, perto de Chatham, para onde regressara em 1860, tendo sido sepultado na Abadia de Westminster.

Esta edição de
OS
CADERNOS
DE
PICKWICK

foi composta em caracteres
Hoefler Text e impressa pela
Guide, Artes Gráficas, sobre
papel Besaya de 70 grs, numa
tiragem de 3000 exemplares,
no mês de Setembro
de 2009.